



As páginas fotocopiadas disponíveis logo abaixo reproduzem um artigo publicado pela Sociedade Torre de Vigia na revista *Desperta!* de 8 de Agosto de 1958, p. 12-16, em português. Embora não seja nada incomum a Torre de Vigia publicar artigos sobre outros grupos religiosos ou filosóficos, é bem provável que este seja um dos únicos artigos sobre a Maçonaria publicados por esta organização no período que abrange os últimos 50 anos.

Como muitos sabem, a Maçonaria é uma sociedade iniciática de caráter secreto (ou apenas discreto, como preferem os Maçons) e que já existe há cerca de alguns séculos, tendo possuído como membros várias personalidades de destaque, tanto na política, como nas artes, nos esportes, etc. Com tamanha influência, não faltam teorias conspiratórias a respeito da fraternidade. Dentre estas, até mesmo algumas mais mirabolantes, que tentam traçar um possível envolvimento entre a Maçonaria e a Sociedade Torre de Vigia, ou então, com o fundador da mesma, Charles T. Russell. São de fato afirmações espetaculares, mas o mesmo não se pode dizer das “evidências” usadas para sustentá-las.

Acontece que, no que diz respeito a C. T. Russell, em algumas ocasiões ele próprio teceu em seus escritos alguns comentários críticos sobre a Maçonaria e outras sociedades similares.¹ Além disso, nunca se apresentou qualquer documento comprobatório de sua filiação à Maçonaria, e até hoje ninguém se arriscou a dizer o nome da suposta Loja Maçônica onde ele teria sido iniciado. Somente estes registros (que todos os Maçons possuem) poderiam confirmar se uma pessoa está ou se esteve associada à fraternidade. Mas como já declarado em nota oficial pela própria Maçonaria, Russell nunca foi Maçom.²

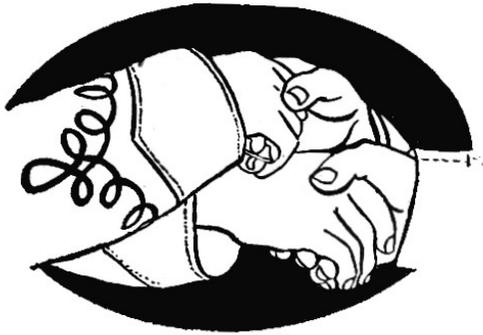
Mas quanto à Sociedade Torre de Vigia atual, estariam os seus dirigentes envolvidos com a Maçonaria? Bem, esta seria uma outra afirmação que exigiria evidências espetaculares, afinal, nesta matéria da *Desperta!*, é explícita a associação negativa que é dada à Maçonaria, deixando-se claro inclusive que nenhum “cristão” (leia-se: Testemunha de Jeová) poderia vir a se tornar um Maçom. O artigo fornece base suficiente para se desassociar (expulsar) qualquer Testemunha de Jeová que se envolva com a Maçonaria...

Mas enfim, teorias a parte, espero que a disponibilização que faço deste artigo possa vir a ser de proveito para alguém que venha a pesquisar sobre este assunto. Por ser um material demasiado antigo, não se encontra no CD-ROM produzido pela Sociedade Torre de Vigia, e mesmo entre as Testemunhas de Jeová, são poucos os que têm acesso às publicações antigas originais. Apenas lamento por não poder fornecer fotocópias com melhor qualidade, visto serem mesmo fotografias de cada uma das páginas originais, e não *scans* das mesmas.

1. *Studies in the Scriptures*, vol. VI, p. 580-581

2. <http://freemasonry.bcy.ca/anti-masonry/anti-masonry03.html>

A História e a Natureza da **FRANCO-MAÇONARIA**



QUE tinham em comum Frederico o Grande, Voltaire, Jorge Washington e o Rei Jorge VI da Inglaterra? A franco-maçonaria. E que têm em comum o Rei Gustavo VI da Suécia e o Dr. G. Fisher, arcebispo de Cantuária? A franco-maçonaria.

O que atraiu êstes homens à maçonaria? É por que é ela, no mundo, a principal fraternidade de homens ligados por juramento? Embora seja difícil dar uma resposta dogmática, uma breve recapitulação da origem e da natureza da maçonaria lançará muita luz sôbre estas perguntas, bem como responderá claramente à pergunta muitas vêzes feita: Acha-se a franco-maçonaria de algum modo em conflito com o cristianismo bíblico?

No mundo todo há atualmente mais de seis milhões de mações. Noventa por cento ou mais dêles residem em países de língua inglesa, quatro milhões dêles somente nos Estados Unidos. Êstes mações reúnem-se em lojas autorizadas pela Grande Loja de seu país, ou estado, no caso dos Estados Unidos; sendo a agência original de autorização a Grande Loja da Inglaterra. Em adição a isso, há mais de um milhão dos que afirmam ser franco-mações, mas que pertencem a lojas não reconhecidas por estas Grandes Lojas. Entre êstes acham-se os Mações

Baseado num relatório do correspondente de
"Desperta!" na Inglaterra

da França, ateus, e os Mações Negros dos Estados Unidos.

Sua Origem Como Sociedade Fraternal

A franco-maçonaria é também a fraternidade mais antiga. No entanto, ao considerar-se a sua história, tem de se fazer a distinção entre sua história como sociedade fraternal e a história lendária das suas crenças, símbolos, ritos e princípios; a primeira retrocede apenas 241 anos, ao ano 1717 E. C., enquanto que a segunda remonta a mais de 4.000 anos, ao tempo de Nemrod. Como fraternidade, a maçonaria tem seu protótipo em certos cavaleiros religiosos da Idade Média e talvez seja até mais chegada às confrarias ou grêmios dos pedreiros-livres da Idade Média. Exatamente por que foram chamados de pedreiros "livres" é apenas um dos muitos pontos da franco-maçonaria sôbre os quais não há acôrdo.

Êstes pedreiros-livres ou franco-mações trabalhavam com pedra, construindo catedrais, palácios e fortalezas. Com a Reforma veio um declínio na construção de catedrais e de edifícios similares e uma mudança nos seus grêmios. Alguns da classe educada e da nobreza começaram a entrar nestes grêmios por uma razão ou outra; alguns por causa da exclusividade dêles, outros por causa dos seus princípios e ainda outros pela sua natureza secreta. Com o decorrer do tempo, os mações desta espécie, chamados de mações "especulativos", ultrapassavam em número os outros, conhecidos como mações "militantes". Por volta de 1717, estas lojas "tinham abandonado todos os esforços de regulamentar o offício de construção" e devotavam-se exclusi-

vamente à “ciência moral especulativa”. Naquele ano, as quatro lojas londrinas juntaram-se para formar a Grande Loja da Inglaterra. Por volta de 1721, já se havia espalhado pela Europa, e em 1730 autorizou-se a primeira loja americana.

A franco-maçonaria não deriva apenas seu nome das confrarias medievais dos pedreiros, mas também grande parte da estrutura e dos apetrechos de sua organização. Assim, como no caso dos pedreiros (e também dos Cavaleiros Templários medievais), há três passos ou graus básicos antes que alguém se possa tornar plenamente franco-mação ou “mestre mação”. Transmitiram-se igualmente muitas das instruções ou regras que governavam os pedreiros: inclusive aquela controversial que se refere à aptidão física — que fazia sentido no caso dos maçons militantes, mas não no da maçonaria especulativa. E os apetrechos dos pedreiros — o compasso, o esquadro, a régua, a colher de pedreiro, o malhete e o avental de couro — têm todos bastante destaque nas lojas maçônicas, como o têm também certos itens que fazem lembrar os cavaleiros medievais, tais como a espada.

Organização e Graus

O recinto duma loja maçônica deve supostamente seguir a planta do templo de Salomão. No seu altar há o “Livro da Lei Sagrada”, que pode ser a Bíblia, as Escrituras Hebraicas, o Alcorão ou até mesmo os Vedas, dependendo da religião de seus membros. O símbolo mais comum da maçonaria é a letra “G”, que se refere em inglês a Deus (God), à geometria (Geometry) ou a ambos. Os nomes hierárquicos na loja, tais como vigilante, mestre, etc., derivaram-se também das confrarias medievais dos pedreiros. Dentro de cada loja prevalece o regime democrático, embora seu reconhecimento como genuína loja maçônica venha em primeiro lugar da Grande Loja do estado ou do país.

A maçonaria, em cada país, pode ser

comparada a uma grande árvore que pode ter diversos galhos principais, chamados de “ritos”, os quais, por sua vez, têm seus próprios ramos, espécie e número de graus ou passos de promoção; em alguns aspectos é similar a passar de um ano para outro na escola. No que se refere aos Estados Unidos, há dois ramos principais, o Rito Escocês, que, por sua vez, tem duas jurisdições, a nortista e a sulina, e o Rito de Iorque. No Rito Escocês há trinta e três graus; no de Iorque, há o que se pode chamar de treze graus. Os primeiros três de cada ramo, porém, são bases comuns e constituem o que se conhece por “Loja Azul”, sendo o azul a cor da maçonaria. Depois de chegar ao terceiro grau, o mação decide se se contentará com isso ou se passará para um rito ou para o outro; ou ele pode adotar ambos os ritos, se tiver o interesse, o tempo e os meios de fazê-lo. Com respeito a esta Loja Azul básica, ela incorpora tudo o que é básico e vital na franco-maçonaria e é o ponto até o qual a maioria dos membros avança. O primeiro grau é o de aprendiz, o segundo, o de companheiro, e o terceiro, o de mestre mação.

Uma iniciação representativa no primeiro grau, que também ilustra bem o simbolismo usado na maçonaria, é a seguinte: O “tyler” (porteiro) remove do candidato seu paletó, colête, colarinho e gravata, e todo o metal, tal como o relógio e o dinheiro, enquanto se acham num quarto contíguo ao da loja. Desabotoa-se-lhe a camisa, expondo o peito esquerdo, a manga direita da sua camisa é enrolada até o cotovelo, a perna esquer-



da da calça é enrolada até acima do joelho e seu sapato direito é substituído por um chinelo. Coloca-se então um laço em volta do seu pescoço e vendam-se-lhe os olhos; tudo isso sendo simbólico de que êle é uma alma pobre, errante, perdida nas trevas da ignorância devido a não ser mação.

Depois que sua escolta, o "tyler" (porteiro), tiver dado as pancadas secretas na porta, esta é aberta e o aspirante é confrontado pelo Guarda Interno, que lhe toca o peito exposto com a ponta duma adaga. Isto simboliza a prova de sua disposição de arriscar a vida para receber o esclarecimento da maçonaria. Êle é então levado por outro oficial para dentro da loja, considerada terreno sagrado, onde o Venerável Mestre da loja administra o juramento maçônico, o qual, entre outras coisas, o obriga a não revelar nenhum segredo maçônico. O candidato repete êste juramento palavra por palavra e sela seu voto por beijar o Livro da Lei Sagrada.

Tiram-se-lhe então a venda e o laço, e o neófito é instruído no sinal, na senha e no apêrto de mão que identifica os do primeiro grau. Êle recebe então seu avental de aprendiz, feito de pelica branca, e se lhe explicam os diversos símbolos maçônicos. Apresenta-se-lhe a maçonaria como uma escada que leva ao céu, os degraus da escada sendo suas obrigações morais. Pela edificação do caráter e por obras caridosas êle haverá de ganhar por fim a união com Deus. "Nenhuma instituição pode-se jactar de fundamentos mais sólidos do que os em que descansa a franco-maçonaria, a prática de toda virtude moral e social."

Na cerimônia de iniciação no segundo grau, oferece-se ao candidato, entre outras coisas, a profunda sabedoria nas sete artes e ciências liberais dos antigos: gramática, lógica, retórica, aritmética, geometria, música e astronomia. Êle aprende também a associar Salomão, seu

templo e o construtor dêste, Hiram Abif, com a franco-maçonaria.

Enquanto os primeiros dois graus se destinam a ensinar aos mações como devem viver, o terceiro grau destina-se a ensinar-lhes como morrer. Sua iniciação encena em símbolo a lenda de Hiram Abif, que supostamente preferiu a morte a revelar o segredo do terceiro grau, e que foi ressuscitado quando um de seus leais associados deu à sua mão morta o apêrto peculiar do terceiro grau.

Suas Origens Religiosas

Alguns mações insistem em dizer que a maçonaria é religiosa, mas não é uma religião, porém, visto que se nos diz que "o homem não está nunca mais perto de Deus do que quando se ajoelha espiritualmente nu diante do altar da maçonaria", esta deve ser uma religião. Adotando êste ponto de vista, o mação Coil, do trigésimo segundo grau, mostra, no seu livro *Um Conceito Compreensivo da Franco-maçonaria*, publicado em inglês, que "a maçonaria, no seu sentido mais amplo e mais compreensivo, é um sistema de moralidade e de ética social, uma religião primitiva e uma filosofia da vida, . . . É uma religião sem credo, não pertencendo a nenhuma seita, mas encontrando verdade em tôdas elas".

Como já se indicou, há grande diferença de opinião na maçonaria quanto a muitas das suas crenças, lendas, etc. Assim, por exemplo, o "Sagrado e Misterioso Nome do Altíssimo Deus Verdadeiro e Vivo", conforme revelado aos que se tornam companheiros do Capítulo do Santo Arco Real Inglês, é *Jah-Bul-On*. No entanto, o Dr. Albert Pike, um dos maiores eruditos da maçonaria, diz a respeito disso: "Nenhum homem ou corpo de homens pode fazer-me aceitar como sagrada uma palavra híbrida, parte composta do nome dum deus pagão maldito e abominável, cujo nome tem sido por mais de dois mil anos um apelido do Diabo." O que é o mais sagrado para um mação, é anátema para outro!

Entre as coisas sôbre que se concorda há a crença na existência dum único Deus verdadeiro. Este, porém, pode ser a divindade panteísta da teosofia, ou do budismo, ou a trinitária da cristandade. Outra crença básica é a da imortalidade inerente da alma humana. Aqui, novamente, pode-se tratar da versão da cristandade ou da metempsicose do budismo.

Típicos das coisas que a maçonaria apropriou da Bíblia são seus ritos da Dedicção do Templo de Salomão e da Festa do Cordeiro Pascoal. O que é interessante é que esta festa, celebrada apenas uma vez por ano, na noite da sexta-feira da Paixão, combina o memorial da morte de Jesus com a páscoa judaica. A maçonaria recorreu também livremente a fontes judaicas tais como os essenes, o Talmude e a misteriosa Cabala.

Fontes adicionais da maçonaria, especialmente com respeito aos graus superiores, são as antigas religiões pagãs. Neste respeito, a obra de Pike, *Moral e Dogma*, abunda de referências aos mistérios druídicos, egípcios, eleusinos e mitraístas, e aos deuses pagãos Ormazd, Osiris, Ísis, Mitra, etc. A *Encyclopedia Britannica* fala da investigação feita quanto à origem da franco-maçonaria e que "os fatos, até agora revelados, sugerem que talvez tenhamos na maçonaria moderna uma sobrevivência intelectual do culto do Deus Moribundo e dos ritos da Fertilidade".

A maçonaria admite também sua dívida ao taoísmo e ao confucionismo, e é extravagante nos seus louvores aos filósofos e matemáticos gregos. Sustenta adicionalmente que Buda "é o primeiro legislador maçônico cuja memória foi preservada para nós pela história". Quanto ao proselitismo, tem mais em comum com o bramanismo aristocrático do que com qualquer outra religião, visto que "o bramanismo é, talvez, a única religião oposta ao proselitismo". Ninguém é jamais convidado a fazer parte da maçonaria, mas tem de vir de sua própria vontade.

Seu Atrativo?

O precedente, sem dúvida, ajuda a explicar por que, em comparação com o cristianismo bíblico, a maçonaria atrai tantos sábios, poderosos e nobres "segundo a carne". (1 Cor. 1:26) Uma coisa é certa, o homem tem a necessidade básica de adorar, e o amplo alcance dela quanto à religião torna-o fácil que qualquer um satisfaça aparentemente esta necessidade. De fato, alega-se até que ela "deve a sua origem e sua existência continuada exclusivamente ao elemento religioso que contém, e que sem êste elemento religioso quase não valeria a pena ser cultivada pelos sábios e bons". Pode-se dizer que é essencialmente uma religião masculina, com elementos tirados da confraria dos pedreiros e dos cavaleiros medievais, e dando ênfase à matemática e à especulação, antes do que ao sentimento e à crença cega. Não é de admirar-se que muitos maçons encontrem na sua loja toda a religião de que acham necessidade!

A ênfase que a maçonaria dá à moral, ao desenvolvimento de caráter, etc., também atrai sem dúvida a muitos, ao passo que o homem tem necessidade de vencer a si mesmo. Relacionado com isso há a sua defesa da liberdade religiosa e política, o que explica por que se acha proscrita em países católicos romanos, nazistas, fascistas e comunistas. No entanto, sua política é apoiar qualquer governo em poder, evitando a atividade política como mações, embora em alguns países tenham sido proscritos por causa de agitações em prol de reformas políticas.

Por outro lado, a maçonaria satisfaz a necessidade de reconhecimento, que o homem sente, oferecendo-lhe admissão numa sociedade altamente secreta, e por seus muitos títulos altissonantes, desde "Venerável Mestre" até "Sublime Príncipe do Real Segrêdo", e pela sua exclusividade, tendo muito cuidado quanto a quem aceita. Neste respeito, a loja inteira vota a admissão dum novo membro, e apenas um voto adverso, uma bolinha

preta na urna dos votos, fecha a porta da maçonaria a qualquer pretendente. Dentro da maçonaria há também várias organizações sociais, bem como organizações auxiliares para as espôsas, para os filhos e para as filhas dos maçons. Algumas delas apoiam generosamente certas filantropias.

É Ela Para os Cristãos?

Embora certos graus da maçonaria se achem limitados aos que professam ser cristãos, há um nítido contraste entre o que a maçonaria ensina e o que a Bíblia ensina. Assim, Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo”, mas, segundo a maçonaria, o homem é uma alma pobre, perdida, em trevas, mesmo que seja ministro cristão dedicado, até que seja esclarecido pela maçonaria. Jesus disse também: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim”, a maçonaria, porém, diz que todas as religiões levam a Deus. Quanto à crença e à adoração, a franco-maçonaria é tão inclusiva como a Bíblia é exclusiva, Jeová Deus exigindo “devoção exclusiva”. Por outro lado, no que se refere a membros ou seguidores, o cristianismo é tão inclusivo — “fazei discípulos de pessoas de todas as nações”, e acolhendo a todo ‘que quiser’ — como a maçonaria é exclusiva. Esta não somente proíbe fazer prosélitos, mas exclui a raça negra. Dois bilhões e meio de pessoas não podem impedir que alguém se torne cristão, mas apenas um só homem, com ressentimento, pode impedir que alguém se torne mação. — João 8:12; 14:6; Êxo. 20:5; Mat. 28:19; Apo. 22:17, NM.

Mackey, na sua *Enciclopédia da Franco-maçonaria*, em inglês, não somente objeta fortemente contra a “cristianização da maçonaria”, declarando entre outras que a maçonaria precedeu ao cristianismo, mas não alista nem “Jesus”, nem “Cristo”. Nas edições posteriores, esta enciclopédia apresenta a vida de

Jesus, mas tem cuidado em pôr o fardo da responsabilidade pela sua autenticidade sobre a Bíblia. Isto está em harmonia com o fato de que os que formularam a Constituição da Franco-maçonaria, de 1723, não fizeram nenhuma referência ao cristianismo. Também Pike, no seu livro *Moral e Dogma*, declara que, assim como os maçons não dizem ao muçulmano que a crença em Maomé não é essencial, e não dizem ao hebreu que êle se engana se ainda espera pelo Messias, assim “tampouco dizemos ao cristão sincero que Jesus de Nazaré era apenas um homem igual a nós ou que a sua história é apenas a ressurreição irreal duma lenda mais antiga”.

Em vista de todo o precedente, como pode alguém que crê que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus ser também mação? Conforme o expressou certo clérigo britânico, êle mesmo sendo mação: “Se a verdadeira religião deve ser limitada à salvação por nenhum outro nome no céu [sendo isso o que as Escrituras Gregas Cristãs dizem explícita e inequivocamente], então qualquer de tais ‘cristãos’ deve estar realmente forçando a sua consciência ao máximo ao aceitar a iniciação nos mistérios mais amplos e mais profundos da maçonaria. Eu, da minha parte, nunca pude entender como alguém, que adota o ponto de vista exclusivo de Cristo, como sendo a única revelação completa da verdade, pode tornar-se mação sem sofrer de esquizofrenia espiritual.”

Não podemos escapar disso. É como diz Paulo, o apóstolo inspirado: “As coisas que as nações sacrificam, as sacrificam a demônios e não a Deus, e não quero que vos torneis participantes com os demônios. Não podeis beber do cálice de Jeová e do cálice dos demônios.” Deveras, em tantos sentidos diferentes, o contraste entre o cristianismo bíblico e a franco-maçonaria não podia ser maior. — 1 Cor. 10:20, 21, NM.